

A língua francesa no após-guerra

A extensão e profundidade das conseqüências da guerra são de tal ordem, que não há domínio da atividade humana que lhes possa ficar imune. As repercussões mais aparentes são as que se notam nos terrenos político, econômico e jurídico, mas a violência da subversão nada poupa e a deterioração moral que, hoje, se vai generalizando não decorre de outra causa.

Neste artigo iremos ocupar-nos com uma das conseqüências da guerra, de real importância, muito embora não dotada daqueles caracteres que imprimem ruidosa teatralidade a certos acontecimentos incorporados, com ou sem razão, à memória universal. Referimo-nos aos fatos lingüísticos.

Antes do impiedoso conflito, era da maior relevância a posição do francês nos círculos intelectuais do mundo inteiro. Valia como língua de cultura internacional, em que se podiam entender os mais ilustres espíritos nas artes como nas ciências. Veículo de uma literatura abundante e valiosa, era ponto obrigatório de convergência de quaisquer doutrinas filosóficas ou científicas, dignas de atenção do homem civilizado. Por isso mesmo a sua difusão merecia o epíteto de surpreendente, não havendo recanto do globo onde morresse sem eco a palavra insculpida no idioma comum dos glauco-romanos.

Acrescentemos, para salientar a relevância da observação, que o fenômeno não é só nosso.

Diante de tais fatos, é natural que os vultos mais representativos da cultura francesa se revelem apreensivos e procurem, com indisfarçável ansiedade, determinar se se trata de crise transitória ou irremediável.

Dentre esses, cumpre ressaltar o nome de *R. L. Wagner*, professor da Universidade de Caen. Em livro vindo a lume em 1947 – *Introduction à la Linguistique Française* – dedica ao problema breve capítulo, em que compreendia os dados essenciais da questão.

Wagner reconhece a gravidade da crise, mas, citando um artigo de Etiemble, publicado em 1946, parece querer ligar o fenômeno a causas econômicas, insuficientes, aliás, para explicá-lo. “O francês, escreve, era falado fora de nossas fronteiras, tanto na Europa Oriental como na América do Sul, por uma classe de grandes proprietários de terra, cujo número e importância tendem a diminuir. Há, incontestavelmente, no fato social do fenômeno do retaliamento dos grandes *latifúndia* grave ameaça, porque os novos possuidores de terras são de um meio que, por tradição, fala apenas a língua nacional e não se acha imbuído em grau algum daquela cultura que os proprietários decaídos iam adquirir em nossas universidades”.

Deixando de lado o romance em que as principais personagens são os proprietários decaídos e os novos proprietários – não é absolutamente o caso brasileiro, – não custa demonstrar a marginalidade do argumento. O essencial não é que uma classe conheça tão somente o idioma de seus maiores e sim a espécie daquele que fatalmente deverá aprender, quando desejar ter qualquer parte no patrimônio cultural da humanidade.

Ora, o fato é que a língua inglesa conta, no momento, com trunfos quiçá decisivos. O mundo ocidental é atualmente um mundo anglo-americano, como o oriental é infelizmente russo. O nível da civilização do Ocidente se revela, porém, tão superior ao do Oriente, que constitui a civilização sem adjetivos. Eis porque o inglês falado por mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos em todo o globo, é, em nossos dias, o herdeiro presuntivo da hegemonia lingüística que a França parece estar perdendo. Devemos acrescentar a isso uma razão de ordem mais restrita, a qual diz respeito às estruturas lingüísticas de ambos os idiomas e que Wagner assim resume: “uma simplicidade tal, que, se forçarmos um pouco, por meios artificiais, o caráter elementar de sua morfologia e de sua sintaxe (isto é, do inglês), técnicos de propaganda poderiam fabricar um idioma simplificado, capaz de veicular a Bíblia e Shakespeare em *modelo standard*, acessível a um número incalculável de leitores”.

Diante da ameaça, Wagner sugere uma política inteligente (esse atributo é muito pouco objetivo...) de missões, bolsas, intercâmbio cultural, etc., meros paliativos, afinal de contas. Confessemos, porém, que a verdadeira colocação do problema, Wagner não a desconheceu. Temo-la nesta frase definidora – “le français aura, dans le monde, la place que la France elle-même y reconquerra”. Importa, por conseguinte, antes de mais nada, explicar as condições dessa reconquista.

As bombas de Hilter não atingiram, porém, apenas populações indefesas, roubando-lhes os lares e o senso da alegria. Provocaram a abertura de novos sulcos nas páginas de História e um deles parece que ameaça o destino glorioso do idioma que lograra elevar-se às alturas de língua clássica do mundo moderno.

É verdade ser ainda cedo para profetizar o declínio da língua francesa como veículo por excelência da cultura dos povos. Todavia, certos indícios são inquietantes para quantos se acostumaram a identificar espiritualidade com irradiação do sentimento e da inteligência cunhados com o sinete do universalismo gaulês.

A minha experiência no magistério tem demonstrado que, mesmo no curso secundário, a língua francesa não desfruta do antigo prestígio. A sua grande rival, a inglesa, possui presentemente maior força expansiva. Já me tem acontecido perguntar aos alunos, a propósito da lição do dia, a tradução de um

vocábulo nosso em francês ou em inglês, sem que obtenha resposta em relação ao primeiro. Nota-se, aliás, que tem crescido muito, o número das pessoas que falam ou entendem inglês, idioma, que, há vinte anos, era privilégio de alguns iniciados. Deve-se isso, sem dúvida, ao zelo dos governos britânico e norte-americano, que vêm procurando, com pertinácia, difundir o conhecimento da língua de seus países, mas devemos convir, porque isso é o que importa, que tais esforços encontram ressonância fácil na mentalidade das gerações modernas. O cinema, em particular, tem contribuído poderosamente, para que o teor de vida próprio dos Estados Unidos se vá infiltrando em povos de maior receptividade, o que facilita a assimilação do pensamento e da *weltanschauung*, daquela nação. Hoje, a literatura dos nossos irmãos do Norte já atingiu o grande público e as mesmas camadas intelectuais não se mostram insensíveis às doutrinas pedagógicas, filosóficas ou sociológicas que de lá nos chegam.

Aqui chegados, o problema assume aspectos de vasta complexidade. Adiantaremos apenas que, a nosso ver, na idade nova cujos primeiros albores contemplamos, terá primazia o idioma que melhor interpretar os anseios do homem que está abrindo, entre sangue e fogo, um caminho de maior compreensão entre as classes, na ordem interna, e entre as nações na ordem externa. Quer dizer, para uma nova idade um novo humanismo e para um novo humanismo um novo idioma.

Seria injusto desconhecer as possibilidades de renovação da cultura francesa, ainda hoje um dos pontos mais altos da nossa civilização. A voga existencialista, derivada de Sartre, mostra até que ponto continua viva a tradição francesa nos meios intelectuais. Julgamos, portanto, que, uma vez alterada a pressão econômica que aflige a quase todos os povos da terra, o mundo voltará, na maior parte, a alimentar-se nas fontes da secular sabedoria da pátria de Joana d'Arc. Todavia, uma coisa parece-nos certa, a França terá de repartir com outro irmão latino as glórias de intérprete do humanismo da liberdade concreta que está sucedendo ao humanismo da liberdade abstrata de nossos antepassados. E aqui, sem deturpação nacionalista, queremos pôr em revelo o destino que julgamos reservado à língua portuguesa.

A idade nova é mais da América do que da Europa. E na América duas grandes nações emergiram vitoriosas do conflito, com fundas responsabilidades perante o futuro dos outros povos: Estados Unidos e Brasil. É lícito, portanto, esperar, que, no mundo latino, a língua portuguesa venha a desempenhar papel de primeira ordem, equivalente ao que representará o inglês para os povos germânicos e saxônicos. Não lhe falta nem acabamento das formas, nem riqueza de expressão, nem harmonia de conjunto. Sem falar no heroísmo glorioso daqueles que a criaram, idômitos nas guerras e indominados nos mares.

(*Diário de Notícias*, 12/06/1949)